



A dupla transgressão da mulher militante:

Uma análise do movimento estudantil fortalezense sob a perspectiva das relações de gênero (1964-1972)

Athaysi Colaço Gomes¹

Universidade Estadual do Ceará-UECE

E-mail: athaysicolaco@gmail.com

Este trabalho pretende analisar a construção das memórias e as experiências das mulheres no movimento estudantil secundarista fortalezense durante os anos de 1964 a 1972, relacionando a participação destas em espaços públicos e políticos com o aprofundamento dos debates em torno do papel social da mulher e das hierarquias de gênero na sociedade brasileira.

Em momentos de maior repressão e tolhimento das liberdades individuais, como no caso de governos autoritários, há um aumento do controle das ações dos indivíduos, geralmente acompanhado da defesa de valores tidos, pelos defensores do sistema vigente, como elementares a boa manutenção da sociedade e construídos historicamente para aparentar uma essência natural e sagrada, disso provém parte de sua força tida como incontestável.

Durante a vigência da ditadura militar brasileira, houve um crescente controle sobre o cotidiano dos indivíduos, especialmente através da censura aos meios de comunicação e das produções artísticas, bem como dos movimentos sociais que pautavam reformas dos mais diversos segmentos da sociedade em consonância com movimentos sociais de outros países, especialmente dos Estados Unidos da América e de parte dos países da Europa Ocidental. Nesses movimentos por mudanças na estrutura da sociedade, destaca-se o movimento feminista, ou como é conhecido o movimento dos anos 1960-1970, “feminismo da segunda onda”. No Brasil, a instauração da

¹ Mestranda do Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará- (Mahis/UECE); Professora efetiva da rede pública estadual (SEDUC-CE).



III Seminário Nacional de História e Contemporaneidades

Brasil: autoritarismo, cultura política e direitos humanos

Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato-CE de 6 a 9 de Março de 2018

ditadura acabou arrefecendo e dificultando bastante a eclosão e o amadurecimento do movimento de mulheres feministas cujas consequências enfrentamos até a contemporaneidade.

Embora o questionamento das desigualdades em torno dos papéis sociais de gênero, seja identificado como uma pauta progressista e dos movimentos sociais de esquerda, durante os anos 1960 boa parte das manifestações de mulheres que ganharam as ruas do Brasil se identificavam com setores mais reacionários da política nacional e foram às ruas justamente contra as reformas sociais propostas pelo então presidente da república, João Goulart. Em defesa dos valores cristãos, da família e da pátria, milhares de mulheres das mais diversas condições socioeconômicas ocuparam as ruas na famosa “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”.

As experiências vivenciadas durante o período da ditadura militar brasileira foram múltiplas e muito relacionadas aos perfis sociais, econômicos, educacionais, geracionais dos indivíduos. Nesse sentido, as experiências sociais também estão relacionadas com os aspectos de gênero. Gênero é aqui abordado a partir dos estudos das pesquisadoras Joan Scott e Judith Butler que, de diferentes formas, contribuem para uma elucidação do conceito de gênero como categoria de análise social e relacional. A perspectiva almejada não é abordar as experiências de homens e mulheres como sendo diametralmente opostas e homogêneas entre si, mas se esforçar para compreender em que medida a construção de perfis sociais atribuídos a homens e a mulheres influencia na sua experiência social enquanto militantes.

Quando houve a deflagração do golpe militar de 1964 e seu posterior acirramento com o Ato Institucional número 05 (A.I-5), as mães, as esposas e as filhas de desaparecidos ou presos políticos também exerceram o perfil social esperado a ser desempenhado pelas mulheres como guardiã do lar, no entanto tal desempenho questionava o autoritarismo e os abusos de poder cometidos pelos militares em nome de Lei de Segurança Nacional, visto que estava, contestando as prisões indiscriminadas, as sentenças sem julgamentos e denunciando as práticas de tortura sofridas pelos seus parentes. Dessa forma, seu papel era ambíguo aos olhos dos agentes da repressão, mas, de certo modo, tolerado.



A partir disso, pode-se compreender que as mulheres que saíram às ruas na Marcha da Família com Deus pela Liberdade, exercendo seu direito político de protestar contra o que identificavam como sendo a degradação dos valores morais da família cristã, estavam utilizando o espaço público como ferramenta política, mas em defesa de ideais que visam a manutenção dos perfis femininos de mãe-esposa-dona-de-casa. Como seu manifesto não punha em risco a estabilidade dos padrões de gênero a serem desempenhados, não houve tantas sanções ou repreensões, pois estavam exercendo uma “justa revolta” ao proteger os valores das famílias aos quais integravam.

No entanto, a partir do momento em que outros grupos de mulheres ousaram sair às ruas, dessa vez com propostas diferentes, a reação foi no sentido de coibi-las e repreendê-las pois representavam uma ameaça a estabilidade das normas de gênero, ou seja, do que significava “ser mulher”. As mulheres que integraram movimentos de contestação à ditadura militar brasileira realizaram uma dupla transgressão, pois se insurgiram contra o cerceamento das liberdades individuais e contra o autoritarismo político impostos pelo regime militar, além de estarem desconstruindo o perfil clássico da figura feminina ligado ao ambiente doméstico e dedicada apenas aos assuntos familiares.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento Estudantil, Gênero, Ditadura Militar

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil para a análise histórica. New York: Columbia, University Press, 1988. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila.

TELES, A. A. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo, Brasiliense, 1993.

The background of the banner is a detailed technical drawing or architectural plan, featuring various lines, circles, and mechanical components, rendered in a light beige or sepia tone.

III Seminário Nacional de História e Contemporaneidades

Brasil: autoritarismo, cultura política e direitos humanos

Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato-CE de 6 a 9 de Março de 2018